

# ATLANTE. CUADERNOS DE EDUCACIÓN Y DESARROLLO 2

latindex IDEAS EconPapers DOAJ Dialnet InDICES CSIC

## FENOMENOLOGIA DE HEIDEGGER E RELAÇÃO DE AJUDA DE CARKHUFF: POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO IDEOLÓGICA

**Ogomar José Mohr Junior**

Universidade Católica Dom Bosco  
junormohr@gmail.com

**Márcio Luís Costa**

Universidade Católica Dom Bosco  
marcius1962@gmail.com

**Jadson Justi**

Universidade Federal do Amazonas  
jadsonjusti@hotmail.com

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Ogomar José Mohr Junior, Márcio Luís Costa y Jadson Justi: "Fenomenologia de Heidegger e relação de ajuda de Carkhuff: possibilidades de aproximação ideológica", Revista Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo (vol 13, Nº 2 febrero 2021, pp. 49-62). En línea:

<https://www.eumed.net/es/revistas/atlante/2021-febrero/fenomenologia-heidegger>

### RESUMO

Este estudo tem como objetivo criar um diálogo entre duas ideologias que podem se complementar teoricamente, as quais são oriundas de Martin Heidegger, com sua fenomenologia, e Robert Richard Carkhuff, com sua teoria sobre relação de ajuda. Metodologicamente este trabalho científico engendra-se como teórico ou mesmo teórico-reflexivo a fim de que, por meio de manejo alternativo, possa atingir o seu objetivo primário. Conclui-se que as ideologias baseadas concomitantemente na perspectiva psicológica e filosófica se auxiliam em um pensamento reflexivo para a atualidade, o qual não deixa de levar em consideração a educação, que é amplamente beneficiada com o ato de ajudar e suas relações para com o outro. A partir deste manuscrito, cada um é convidado a olhar mais atentamente ao seu redor e perceber, de fato, se é capaz de ajudar e ser ajudado. Se não o for, várias são as reflexões que podem auxiliar nessa descoberta da capacidade de ajuda e percepção de que aqueles que estão ao redor, são pessoas que auxiliam nesse complexo contexto.

Palavras-chave: Relação de ajuda, Fenomenologia, Martin Heidegger, Robert Richard Carkhuff.

## **CORRELACIÓN ENTRE FENOMENOLOGIA DE HEIDEGGER Y RELAÇÃO DE AJUDA DE CARKHUFF**

### **RESUMEM**

El presente estudio presenta como objetivo crear un diálogo entre dos ideologías que pueden complementarse teóricamente, las cuales tienen orígenes en Martin Heidegger, con su fenomenología, y Robert Richard Carkhuff, con su teoría sobre relación de ayuda. Metodológicamente este trabajo científico se caracteriza como teórico a fin de que, por medio de manejo alternativo, pueda conquistar su objetivo. Se concluye que las ideologías basadas concomitantemente en la perspectiva psicológica y filosófica se auxilian en un pensamiento reflexivo para la actualidad, el cual no deja de tomar en consideración la educación, que es ampliamente beneficiada con el acto de ayudar y sus relaciones hacia el otro. Con la finalización de este manuscrito, el lector es invitado a mirar más atentamente a su alrededor y percibir, de hecho, si es capaz de ayudar y ser ayudado. Si no lo es, varias son las reflexiones que pueden favorecer en ese descubrimiento de la capacidad de ayuda y percepción de que aquellos que están alrededor, son personas que auxilian en ese complejo contexto.

Palabras clave: Relación de ayuda, Fenomenología, Martin Heidegger, Robert Richard Carkhuff.

### **HEIDEGGER PHENOMENOLOGY AND CARKHUFF HELPING RELATIONSHIP: IDEOLOGICAL APPROACH POSSIBILITIES**

#### **ABSTRACT**

This study aims to create a dialogue between two ideologies that can complement each other theoretically, which come from Martin Heidegger, with his phenomenology, and Robert Richard Carkhuff, with his theory on helping relationship. Methodologically this scientific work engenders itself as theoretical or even theoretical-reflexive in order that, through alternative management, it can reach its primary objective. It is concluded that the ideologies based concurrently in the psychological and philosophical perspective help in a reflexive thought for the present, which does not fail to take into account education, which is greatly benefited by the act of helping and its relations with the other. From this manuscript, each one is invited to look more closely at his surroundings and to see, in fact, if is able to help and be helped. If it is not, there are several reflections that may aid in this discovery of the capacity for help and feeling that those around us are people who help in this complex context.

Keywords: Special Education, Visual disability, Teachers.

#### **INTRODUÇÃO**

Toda a humanidade apresenta capacidade mínima de relacionamento. A única condição para que ele ocorra efetivamente é que seus atores (seres humanos) existam e estejam em um contexto

social. As relações não existem com pessoas isoladas e, a partir daí, podem-se descrever relações entre pais e filhos, colegas de trabalho, namorados, amigos, professor e aluno entre outros. Em todas elas, há certo tipo de troca de informações que existe de forma mútua entre as partes e, muitas vezes, se caracteriza com sentidos diversos: laborativo, sentimental, ajuda entre outros. No presente estudo, o tipo de relação e o tipo de troca de informação que se apresenta é a relação denominada relação de ajuda. Robert Richard Carkhuff, psicólogo que teve muita influência de Carl Rogers (1902-1987) e de muitos outros nomes relevantes na área do *counseling*, dedicou inúmeros manuscritos sobre as relações de ajuda, especialmente na obra *The Art of Helping* publicada em 1986. Nos primórdios da psicologia, tinha-se a ideia de que ajuda era só aquela ofertada profissionalmente, no ambiente de saúde, em que médico e paciente se encontravam, tinha-se o diagnóstico, tanto físico como psicológico, e aí sim estava dada a dita ajuda. Carkhuff foi um pouco mais além dessa concepção. Aquele conselho, aquela palavra de que a pessoa necessita numa hora de aflição, de tristeza ou em qualquer outro momento em que seja necessário, também é ajuda e, dentro de um processo, torna-se uma relação de ajuda. Quando os pais apresentam uma postura de educadores para com seus filhos, isso não acontece somente no momento em que o filho desobedeceu e foi coagido, mas, sim, perdura por muito tempo. Tal situação é um processo de crescimento, tanto do filho como dos pais que aprendem com os acontecimentos, o que não deixa de ser uma relação de ajuda. Tanto aquele que vai ser ajudado em um determinado momento quanto aquele que oferece ajuda, detêm características e habilidades momentâneas que os auxiliarão no sucesso desse processo (Carkhuff, 2000).

Dreyfus (1996) esclarece que Martin Heidegger (1889-1976) é um filósofo de base fenomenológica que, em uma de suas principais obras, *Ser e Tempo* (1927), trabalha sobre a questão ôntica, ontológica e fenomenológica do ser. O *Dasein*, que é cada um em cada situação específica, é trabalhado e visto de forma paradigmática devido a sua complexidade e sua capacidade de se autodeterminar, interpretar e projetar diante das situações. Cada *Dasein* está inserido no seu mundo de vida, que é aquele contexto em que cada um está incluso e realiza seus afazeres com naturalidade e, às vezes, sem perceber que está fazendo ou sem refletir sobre aquilo. Para o autor, Heidegger quis demonstrar que normalmente não estamos tematicamente conscientes de nossa atividade cotidiana e que, quando surge uma consciência temática autorreferente, esta pressupõe um tipo de percepção não temática e não autorreferente. Ou seja, enquanto lida com situações em que se precisa de uma reflexão mais apurada, de um pensamento mais elaborado, cada um ainda vai se movendo naturalmente ou inconscientemente ou ainda, não tematicamente no mundo que o cerca.

Um exemplo passível de se mencionar seria que, enquanto se faz uma reflexão sobre este estudo que está sendo lido, as necessidades biológicas ainda estão sendo respeitadas, os horários ainda precisam ser cumpridos, um programa que está sendo instalado no computador, a pizza que ainda não chegou, o programa que está passando na televisão, isso tudo continua independente da vontade de cada um ou da atenção voltada sobre isso, apesar de influenciar e fazer parte da vida e do contexto inegável em que cada um vive. Essa busca pelo *Dasein* que se relaciona com o outro em seu mundo de vida e é capaz de se autointerpretar é o que é descrito para se ter uma base filosófico-

fenomenológica com a relação de ajuda que Carkhuff (2000) propõe em sua obra. Logo, pensa-se no mundo em que as pessoas são educadas a não se relacionarem ou a se relacionarem somente por interesse próprio. Martin Heidegger e Robert Richard Carkhuff, na proposta ousada de unir os dois pensamentos, favorecem uma reflexão que pode ser adequada à contemporaneidade. Este estudo apresenta metodologicamente uma condução teórica ou mesmo teórico-reflexiva. Popper (1974) faz menção a esse tipo de estudo como pertinente para aproximações ideológicas a fim de se atingir determinados objetivos. Nota-se que o que está em questão é o ajudar e seu relacionar com o outro, em que está o modo de poder ser percebido e ajudado. Para tanto, o objetivo deste estudo é criar um diálogo entre duas ideologias que podem se complementar teoricamente que são oriundas de Heidegger com sua fenomenologia e de Carkhuff com sua teoria sobre relação de ajuda.

### **Aspectos introdutórios de Martin Heidegger**

Muitos filósofos e pensadores pontuam que a ideia de “ser”, é um pensamento muito universal, muito abstrata e que deve ser evidente por si mesma. No tocante ao ideário de “ser”, todos os seres que existem são unidos por algo que os faz comum: “ser”. Heidegger (1988) não toma a ideia de que o conceito de “ser” seja o mais universal; pelo contrário, questiona Aristóteles (384-322 a.C.) usando um argumento simples: o “ser” dos objetos não é o mesmo “ser” dos objetos imaginários que, por sua vez, não é o mesmo “ser” dos números. Ele, em sua literatura, não quis passar a ideia de que “ser” não seria uma entidade, mas só algum tipo de evento ou processo. O autor ainda descreve que não se pode encontrar sentido ao “ser” com a ajuda de classes de conceitos. A compreensão empirista tem o “ser” como base. Porém, a partir de tal, dar-se-á conta da capacidade para o sentido da potencialidade de encontrar sentido a tudo que está ao redor.

Para Dreyfus (1996), Heidegger considera que a filosofia tradicional nunca conseguiu alcançar corretamente a pergunta sobre o “ser”. Nota-se que o autor não quis fundamentar a questão do “ser” em alguma entidade autossuficiente, pois considera isto um erro que vem da ontologia tradicional. A melhor maneira de entender o que Heidegger quis dizer com *Dasein*, é pensar no termo “ser humano”. Este pode referir-se a um modo “do ser”, característico de todas as pessoas, ou de uma pessoa específica “um ser humano determinado”. Os seres humanos não têm, de início, uma natureza específica, as pessoas começam de fato a existir quando são socializadas no seu meio de existência, quando são inseridas na comunidade dos seres humanos. Por isso, o *Dasein* é também uma modalidade “do ser”, é um aspecto interpretador de si mesmo.

No que tange aos três modos de existir do *Dasein*, Heidegger (1988) diz que o *Dasein* sempre pertence a alguém, ou seja, é propriedade de alguém, logo não obstante “tem dono”. O primeiro modo é quando alguém desconhece ou não toma uma posição sobre si mesmo. Por exemplo, no caso de um bebê japonês que tem que passar de um modo totalmente passivo por um processo de socialização até, de fato, tornar-se uma pessoa. O segundo modo de existir é quando um indivíduo já opta por algum tipo de identificação já oferecida, por exemplo, pela sociedade, e procura responder à pergunta do “quem sou eu?” encaixando-se em algum grupo que corresponda mais aos seus anseios e que fenomenologicamente é arcabouço para as ações mútuas. No terceiro modo de existir, “... o

*Dasein* finalmente alcança a individualidade através da compreensão de que, se persistir em tentar identificar-se com um papel específico, jamais chegará a encontrar seu verdadeiro significado e razão de ser.” (Dreyfus, 1996, p. 30). O *Dasein* é quem tenta encontrar sentido ao “ser”. Ou seja, apresenta uma compreensão vaga que é parte da compreensão essencial, mas essa compreensão que ele tem de si mesmo pode ser um entendimento de todos os modos de “ser” do *Dasein*.

Observa-se a fenomenologia como a metodologia de Heidegger que se converte em um modo de permitir que algo compartilhado, que nunca pode ser plenamente articulado e do qual só se têm evidências, se desdobre e se mostre (Dreyfus, 1996). “A expressão grega *fainómenon*, a que remonta o termo fenômeno, deriva do verbo *fainestai*. *Fainestai* significa: mostrar-se e, por isso, *fainómenon* diz o que se mostra, o que se revela ...” (Heidegger, 1988, p. 58). Fenômeno traz também o significado de trazer à luz do dia, de descobrir, ou seja, elucidar. Por meio desse elemento da luz, traz-se o conceito de fenômeno, de algo que pode revelar-se em si mesmo. “Deve-se manter, portanto, como significado da expressão fenômeno, o que se revela, o que se mostra em si mesmo ...” (Heidegger, 1988, p. 58). Nota-se ainda uma metodologia do léxico *logos* aplicada à teorização do autor, que tem um sentido muito polissêmico, porém, se a atenção for voltada ao sentido de *logos* como discurso, é necessário especificar o que seria discurso para definir, depois, o que é fenomenologia.

Um discurso é feito sempre com o uso de símbolos, que, nesse caso, são as palavras. Por isso um discurso sempre é uma explanação para outrem sobre determinada temática. O discurso apresenta a função de tornar acessível aos seus atores aquilo sobre o qual está se discursando, ou seja, apresenta a tarefa de fazer conhecer o que está sendo verbalizado. Para a valoração do *logos*, que é parte de um fenômeno propriamente dito, parte-se da existência de três conceitos de fenomenologia que podem ser percebidos no estudo de Heidegger, segundo Dreyfus (1996). O primeiro é a noção formal de fenomenologia, que é deixar que aquilo que se mostra seja visto numa mesma proporção de sentido ocular e teórico. Essa é a noção mais comum que se pode ter de fenomenologia. A segunda noção é a habitual, conceito em que qualquer objeto pode ser estudado. O objetivo é trazê-lo o máximo possível ante a consciência que detém a característica de ser múltipla na forma de pensamento. A terceira e última noção é algo que se revela aos olhos do ser humano e que apresenta uma significância que, por ora, estava oculta. “... este algo oculto é parte integrante do que se vê, uma parte tão essencial que constitui o que lhe dá seu sentido e fundamento.”

Merleau-Ponty (1999), em *Fenomenologia da Percepção* (1945), também formulou um conceito que serve para auxiliar a compreensão da temática de guia deste estudo,

... a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico... (p. 1).

Logo, tem-se em mente que o fenômeno em si pode ser definido como tudo aquilo que aparece, aquilo que está dado às pessoas tal como se mostra. Nessa perspectiva de pensamento, coloca-se a

discussão do complexo de ajuda humana bem como, suas nuances sociais. Heidegger (1988) problematiza “o ser” e diz que nem todo “ser” é igual, fazendo uma reviravolta no pensamento filosófico de sua época, que dizia que o conceito mais abstrato e que unia a tudo que existia era “o ser”, porque tudo é alguma coisa. Logo, o autor coloca que os seres humanos apresentam um “ser” diferente em cada situação e que é possível ele perceber isso. Ele ainda descreve esse “ser” que se percebe em determinadas situações de *Dasein*. Um exemplo disso é quando os autores deste estudo, ao escrever esse texto, se percebem ou mesmo se reconhecem fazendo isso. Tal situação não deixa de ser *Dasein* no exato momento da escrita científica do manuscrito. No entanto, amanhã, fazendo outra coisa em outro contexto, vai ser outro *Dasein*. O *Dasein* se percebe como não único, ou seja, se relaciona para conseguir perceber-se. Essa dinâmica de revelar-se e velar-se a si mesmo é a parte da fenomenologia em que o *Dasein*, além de se perceber, se revela e aí pode ser percebido.

### **Relação de ajuda em Robert Richard Carkhuff**

Marroquín Pérez (1991) descreve que Carkhuff, em sua vida laborativa, teve contato com inúmeros psicoterapeutas renomados de sua época. Alguns deles, como Charles B. Truax, Carl Rogers e Carl Alanson Whitaker (1912-1995), foram de exímia relevância para a criação do novo modelo de ajuda proposto por ele, já que este se inspirou numa perspectiva de *counseling* para a elaboração de nova proposta de ajuda. Aproveitou-se com este estudo dos pontos comuns entre teorias vinculadas principalmente ao *counseling* para que, a partir de tal, pudesse elaborar uma possível aproximação entre Carkhuff e Heidegger no que tange ao complexo de ajuda. Nota-se, na teoria de Carkhuff, que ele cria o seu modelo de relação de ajuda, que abarca um horizonte maior de destinatários, e não somente aqueles atendidos no ambiente de saúde mental. Com isso, o autor percebe que o significado de ajuda fora muito vasto e que as relações de ajuda não se restringiam somente aos consultórios. O que dizer da relação de um professor que ensina seu aluno? De um pai que aconselha o seu filho? De um amigo que ajuda a outro amigo superar suas dificuldades?

Carkhuff (2000) acreditou na capacidade de crescimento e de desenvolvimento humano, que deve ser vista em todas as pessoas, ou seja, na capacidade que cada um tem em querer ser melhor e querer estar sempre em evolução. Weil e Tompakow (1986) corroboram com a ideia de necessidade de superar-se e desenvolver suas potencialidades estando como ator que ajuda, como também, ator que é ajudado. Assim sendo, uma das grandes preocupações de Carkhuff (2000) é a autoconfiança. Quando cada um acredita em si mesmo, é capaz de transformar em ações as suas diversas potencialidades. E, dessa forma, para o autor, torna-se ainda mais fácil com a ajuda de alguém experiente, que pode encaminhar cada um para onde “queira ou necessite chegar”. Menciona-se também a evolução dos modelos de ajuda que são respaldados nas mais diversas condições sociais. Antes do período da Revolução Industrial, os homens viviam, em sua maioria, nas áreas rurais, trabalhando e vivendo em um contexto diferente do qual a maioria das pessoas vivem na atualidade. E, logicamente, se mudar o contexto no qual alguém vive, mudam-se também as suas responsabilidades e, com isso, as condições de desenvolvimento humano daquela pessoa.

Pode-se citar o exemplo de um homem que vive no campo e trabalha na criação de gado. Ele entende todo o seu trabalho de forma prática. Se um empresário, que nunca saiu da cidade, for colocado para fazer o mesmo trabalho que aquele senhor do campo faz diariamente, ele não saberá fazê-lo tão bem quanto o senhor que já faz isso há tempos. Porém, com tantas mudanças, vale a pena ressaltar não só as mudanças externas, como a Revolução Industrial que trouxe a ideia de que os humanos são como extensões das máquinas (Carkhuff, 2000), mas também as mudanças internas como educação, doutrinas espirituais entre outras. Tal situação leva o ser humano a se questionar constantemente: “Quem sou eu?”. Cada pessoa tem seu contexto, e todo contexto tem suas próprias condições para o desenvolvimento de quem nele habita. Para conseguir viver com tais trocas de paradigmas e situações, acaba-se por desenvolver certas habilidades que permitem adaptação. No entanto esse desenvolvimento, do qual todos são capazes, torna-se impossível se não for vivendo em comunidade, relacionando-se com outras pessoas. É exatamente nesse momento que o conceito de *Dasein* se aplica, quando o ser tem a capacidade de se autoafirmar e direcionar a sua vivência; é aqui que a fenomenologia começa a atuar, deixando o “ser” se apresentar da maneira tal qual se revela, em suas próprias condições de existência.

Assim, também, como seria possível a evolução, crescer sem perceber onde é necessário tal crescimento? E ainda mais, como seria possível perceber falhas se não se confrontar com outros seres falhos? As pessoas precisam umas das outras e precisam das relações para se perceberem como agentes e receptores de uma determinada ação. Na visão de Carkhuff (2000), todos precisam de alguém até para ser alguém. Tal consideração se respalda na indagação: existe realmente algum indivíduo que não tenha sido gerado por dois seres humanos? Se não é necessário se relacionar na atualidade por opção, em um passado não longínquo, isso foi uma máxima para vir à vida! Percebe-se que, se os outros são necessários para o crescimento e para o desenvolvimento, logicamente, o “eu” também é agente do crescimento dos outros que estão em volta desse “eu”. As pessoas têm uma parcela no desenvolvimento umas das outras, seja de forma positiva ou negativa. Contudo, pode-se, também, ser agente voluntário no crescimento e desenvolvimento dos outros, como? Disponibilizando-se a ajudar e a encontrar o caminho do desenvolvimento de outrem. Enfim, ajudar significa compartilhar com alguém aquilo que se tem, quando esse alguém ainda não tem o desenvolvimento suficiente para se sentir dignamente capaz de seguir sozinho o seu caminho no desabrochar de suas capacidades.

Carkhuff (2000) descreve, que

... nascemos com o potencial de crescimento nem mais, nem menos! Quem aprender a desenvolver esse potencial saberá viver de forma plena com uma vida cheia de emoções incalculáveis. Desenvolvendo tal potencial, conseguiremos ir a qualquer lugar e fazer qualquer coisa. Quem não aprender a desenvolver o seu potencial de crescimento desperdiçará sua vida... (p. 3).

Para que haja uma relação de ajuda, é necessário alguém que necessite dessa ajuda (acompanhado), e outro alguém que esteja disposto a ajudar direta ou indiretamente (acompanhante) e um ambiente propício a essa relação (entende-se por ambiente não só um espaço físico propriamente dito, pode ser também um tempo dedicado àquilo). No processo de ajuda, um fator

essencial é que acompanhante e acompanhado trabalhem juntos, porque vão crescer juntos. Essa é a essência do processo de ajuda (Carkhuff, 2000). Para que acompanhado e acompanhante consigam trabalhar conjuntamente nesse processo interpessoal, algumas habilidades são necessárias, dentre elas: experiências, compreender objetivos e atuar segundo alguns programas que serão necessários para alcançar tais metas como: explorar, compreender e agir. Atualmente, têm-se consciência que as pessoas foram educadas ao não escutar, ao não dar atenção, principalmente pela chuva de informações que não deixam ninguém se focar sobre nada, logo, quase tudo se torna superficial. Por esse motivo, as pessoas são distraídas, desconcentradas e correm o risco de distorcer o que os outros dizem. Tal descrição leva ao pensamento de que ouvir requer intensa concentração.

Logo, o primeiro dever do acompanhante é envolver o acompanhado no processo. Predispondo-se fisicamente para atender, isto é, dar atenção, olhar e ouvir. Isso tem início quando o acompanhante busca dar a atenção devida ao acompanhado e às suas experiências de forma a sentir que alguém está se importando com ele. Percebe-se que o acompanhado está envolvido no processo quando começa a partilhar experiências pessoais relevantes ou seja, aquilo que está sendo mais importante para ele naquele momento. Depois de começar a explorar com precisão as suas experiências, o acompanhado vai percebendo o seu papel em cada situação. A partir daí, ele começa a ver que pode mudar seu comportamento – se for o caso – e, assim, com detalhes de sua exploração, passa a determinar metas e a focar seus objetivos. A pergunta que se faz é: como chegar a tais objetivos? O acompanhante deve programar as suas ações. Tem que seguir alguns passos que vão facilitar o seu percurso. Cada passo tem que ser bem definido para que se tenha objetivos claros. O papel do acompanhante é auxiliar os acompanhados a colocarem metas menores (práticas), para atingir uma meta superior, um objetivo principal a ser alcançado por meio desses “... programas sobre os quais os acompanhados podem agir ...” (Carkhuff, 2000, p. 45).

Depois que todo esse processo foi realizado, o acompanhante deve parar e analisar como está sendo o caminho. Os objetivos propostos foram alcançados? Os passos foram seguidos e respeitados? Oferecer um feedback ao acompanhado representa uma retrospectiva de todo o programa de ajuda a que se propôs. Dar essa devolutiva também serve para incentivá-lo a continuar caminhando de forma a não desistir de suas metas. Por meio do feedback o acompanhado analisa se está satisfeito ou não com os resultados. Se está, segue para o próximo passo. Se não está, há necessidade de reciclar o processo. O objetivo do acompanhante é facilitar o processo, dar as bases para que o acompanhado sinta-se capaz de crescer e se desenvolver. Todo o crescimento e desenvolvimento humano envolve uma reciclagem contínua de processos de forma a transformar a experiência humana em ações que envolvam o crescimento humano (Carkhuff, 2000).

Ninguém pode simplesmente achar que vai conseguir ajudar alguém sem algumas habilidades específicas, sem algumas predisposições e sem um contexto. A existência de habilidades – *skills* – são as condições para que, de fato, ocorra uma relação de ajuda. A habilidade de trabalho com os processos interpessoais exige: a) habilidade de envolver os acompanhados no processo de ajuda; b) habilidade de responder ao acompanhado para facilitar a exploração; c) ser capaz de iniciativa para estimular a ação aos acompanhados. O *feedback* das ações dos acompanhados permite a revisão



de cada passo dos processos inter e intrapessoal (Carkhuff, 2000). Outra questão instigadora é a ação de envolver o acompanhado no atendimento. Quando alguém quer que uma relação seja frutuosa, deve sempre caminhar junto à outra pessoa. Mas, para caminhar junto, deve se ter a segurança de que o acompanhado está realmente disposto a caminhar conjuntamente de tal forma a envolvê-lo no processo.

O primeiro passo para um bom atendimento é dar atenção ao acompanhado. Mas, aprender o quê? Aprender um pouco mais sobre o acompanhado! E, esse aprendizado se demonstra em linguagens verbais e não verbais. O acompanhante deve estimular a atenção do acompanhado e, conseqüentemente, sua participação no processo por meio da sua atenção e engajamento. O progresso do processo de ajuda vai depender diretamente das habilidades de quem ajuda. No entanto, para que isso ocorra, é muito importante garantir as condições necessárias. Quais condições são essas? Primeiramente, o acompanhante tem que se preparar para receber o acompanhado pois, assim, ele se conscientizará de que não é algo supérfluo, perceberá que alguém dá o devido valor à sua pessoa e, por isso, tem que se preparar. É válido salientar que o tipo de relação que Carkhuff (2000) propõe é um pouco mais ampla que as relações de ajuda que existem nos consultórios, por isso nem sempre é possível essa preparação específica. Ele propõe essas habilidades que cada um pratica durante o seu cotidiano, com as pessoas com as quais se encontram rotineiramente.

A pessoa que irá ajudar pode usar de informações prévias sobre a situação ou sobre o acompanhado para melhor entender e ajudar. Se os acompanhados não estão preparados para fazer contato, eles não aparecerão. Se o ambiente (contexto) não está preparado para receber os acompanhados, eles não retornarão. Se os acompanhantes não estão preparados para atender os acompanhados, eles não se envolverão no processo. O acompanhante deve comunicar o seu interesse pelo acompanhado de forma a trazê-lo para perto de si. Ele faz isso começando com a sua postura corporal, estar perto e olhar para o acompanhado. Tal consideração traz o pensamento de que, quem fixa o olhar em todos os lugares menos na pessoa com a qual está conversando não demonstra o interesse necessário. Talvez a chave do sucesso para o atendimento personalizado seja como nós usamos os nossos sentidos, particularmente os nossos olhos (Carkhuff, 2000).

Outra habilidade que está ainda dentro do processo de atender é a observação. Um bom início é começar a observar os movimentos do corpo e as expressões faciais. Essa questão da observação do acompanhado é importante por vários motivos: a) para perceber se o que está sendo expressado verbalmente corresponde aos comportamentos não verbais; b) para identificar por onde se pode começar a agir; c) para que se possa delimitar a área de trabalho (Carkhuff, 2000). O corpo do acompanhante também fala. Ele demonstra aquilo que é através do seu comportamento – *behavior*.

Pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros. E eles têm muitas coisas a dizer para você. Também nosso corpo é antes de tudo um centro de informações para nós mesmos. É uma linguagem que não mente ... pois todo ser humano tem que lidar consigo mesmo e com os outros. (Weil y Tompakow, 1986, p. 5).

Podem-se usar, então, os mesmos critérios de observação ao acompanhado para observar a si mesmo e se colocar em questão. O meu comportamento e as minhas atitudes estão voltados para o

acompanhado? O que eu estou demonstrando a ele? O processo de ajuda, então, começa “no” acompanhante ou “com” o acompanhante? Essas são questões indagadoras que este estudo traz por meio da reflexão literária compulsada. Já a habilidade de ouvir – que quer dizer estar atento e conseguir entender o que o acompanhado está nos transmitindo – requer muito, pois, é daí que se consegue tirar as respostas para o processo. Estar disposto a ajudar requer: a) ter uma razão para estar ouvindo; b) suspender os julgamentos; c) focar-se no acompanhado e sobre o que ele está transmitindo. Para tanto, ouvindo, tem que ater-se às mensagens principais que estão sendo transmitidas pelos acompanhados. Às vezes, falam e transmitem as mesmas coisas de diversas formas e o papel do acompanhante é descobrir o que está sendo transmitido para trabalhar pontos específicos. Outra importante habilidade é saber interpretar as mensagens mandadas pelos acompanhados.

Partindo disso, as pessoas estão sendo educadas a não se relacionarem. Relacionar causa interdependência, porque um precisa do outro em uma relação, senão não é relação, e essa interdependência “mescla” indivíduos. Diante disso, menciona-se a necessidade de facilitação e personalização. Personalizar é criar um diálogo entre o real e o ideal de cada um. Se não é a habilidade mais difícil, é uma das mais difíceis, pois não é somente explorar algo já pronto, que está dado, mas criar algo novo e fazer pontes. Ou seja, cada um é o agente dessas mudanças. Resumindo, nós fazemos crescer quando nós fazemos conhecer por nós mesmos (Carkhuff, 2000). Personalizar os problemas também é uma meta que deve ser conquistada. Significa não colocar a fonte dos problemas nos outros (por mais que possam influenciar e ajudar a aumentar o problema), pois a solução não virá de fora, e sim, de dentro. As relações humanas apresentam objetivos, metas e problemas de tal forma que já foram personalizadas sucintamente em um primeiro momento. Após essa etapa o objetivo da relação é fazer com que o acompanhado tome as decisões necessárias para continuar o seu processo. Afinal, o agente principal é ele e o acompanhante pode dar opções, pode apontar, mas nunca decidir nada por ele.

Após um processo inicial o mesmo ainda continua em andamento e necessita de um fortalecimento que é chamado de objetivos que se bem definidos dão suporte para um bom caminho conjuntamente (Carkhuff, 2000). Para facilitar o comportamento dos acompanhantes, algumas situações nas quais os conhecimentos adquiridos ao longo do processo podem ser colocados em prática têm que ficar explícitas. Faz-se isso respondendo a algumas questões: Quem e o que está envolvido? O que será feito? Como e por que as metas serão realizadas? Quando e onde as atividades ocorrerão? Depois de definidos os objetivos, precisa-se definir como estes serão aplicados, ou seja, os programas de desenvolvimento que vão ser construídos para cada comportamento. Cada passo depende necessariamente do outro, por isso, nenhum pode ser deixado de lado, porque se um passo for mal realizado os outros também serão prejudicados. Uma máxima descrita neste estudo é que o primeiro passo é fundamental, e os outros serão construídos sobre ele. No entanto, não existe uma pessoa igual à outra. Por vezes, os objetivos podem até coincidir, mas os programas dificilmente serão iguais, pois cada pessoa tem sua cronologia e suas habilidades para colocar em prática tais metas, e isso representa programas individualizados.

## A ajuda como processo fenomenológico

Pode-se afirmar que, desde os primeiros momentos de vida, as pessoas dependem umas das outras. Para haver fecundação, é necessário haver duas pessoas que, de alguma forma, se relacionaram. E, a partir do nascer, sempre haverá o que se chama de relações humanas, que é justamente a troca de experiências, de palavras, de vivências com todos que estão à sua volta. As relações são processos marcados por pessoas que se encontram e trocam uma série de experiências. Assim como nos diversos tipos de relações que pode haver, nas denominadas relações de ajuda também ocorre esse processo de troca de informações e de experiências, que vão dar origem ao crescimento dos seres envolvidos nessas situações. A ajuda é vista com o foco de um ser que tem experiência em alguma área de suas vivências, fazendo com que o outro alcance e desenvolva suas capacidades para tal processo que ele mesmo conduz. Tal situação denota um percurso no qual a pessoa será ajudada, apresentada e colocará suas características diante da relação para que possa desenvolvê-la e aperfeiçoá-la.

A relação de ajuda só vai ser possível em um contexto em que tudo aquilo que esteja envolvido nesse processo faça sentido e colabore para tal. Se, durante a relação, são levantados alguns aspectos necessários ao crescimento, o *Dasein* vai começar a ser visto sob determinadas características. Se, depois de algum tempo, esses mesmos aspectos foram realmente trabalhados, o novo olhar vai ser sobre o *Dasein* que conseguiu superar obstáculos e agora não é mais o mesmo de antes. Numa relação, o *Dasein*, que é interpretador de si mesmo e, segundo Heidegger (1988), pode realmente olhar-se de diversas formas, pode-se converter a vários formatos, basta que mude o paradigma sob o qual está sendo vista uma situação ou mesmo característica desse *Dasein*. Logo, numa relação, tudo aquilo que ocorre deve ser visto e conseqüentemente percebido como fenômeno.

O conceito de fenômeno deve-se manter como significado do que se revela para outrem, ou que se mostra para si mesmo (Heidegger, 1988). Mostrar-se em si mesmo numa relação significa que os fenômenos percebidos são a demonstração da própria pessoa (Giles, 1975). No entanto, tem-se que a maneira pela qual esse fenômeno está sendo conhecido e percebido é o *logos* da fenomenologia, ou seja, o discurso terá a função de tornar acessível aos participantes da troca verbal (discurso), no que tem a tarefa de fazer conhecer o que está sendo dito. Se na fenomenologia os sinais são aqueles que indicam o fenômeno, logo, mostram evidências de algo que provavelmente possa ser o fenômeno desejado, nas relações esse conceito também pode ser aplicado de forma muito próxima.

Se uma pessoa, durante uma relação, não consegue falar sobre si mesma, aí está uma característica que indica uma perturbação na relação de ajuda, pois todas as atenções vão se voltar para essa característica falha que é necessária para uma boa relação (Miranda y Miranda, 1991; Nunes, 1999). Como a pessoa vai se demonstrar verdadeiramente, se não consegue falar sobre si mesma? Ela pode se manifestar de outras formas, porém isso é um ponto relevante a ser trabalhado e que merece atenção especial. O que é dificultoso num processo de ajuda é justamente a questão sobre quais as características que a pessoa que está sendo ajudada necessita trabalhar. Como descobrir essas características? Justamente pelo processo de conhecimento, aquele que Heidegger (1988, p. 65) vai colocar como sendo a própria fenomenologia: "... deixar e fazer ver por si mesmo

aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo ...”. Ou seja, o acompanhado vai se mostrando durante o processo, demonstrando as suas características, seus valores, suas crenças e aquilo que acredita ser ele mesmo.

O trabalho do acompanhante é justamente o de realizar um papel muitas vezes ríspido, quer dizer, fazer com que ele mostre aquilo que está encoberto, fazer ver aquilo que não está sendo visto, o que não deixa de ser a parte obscura da fenomenologia. Entende-se, com este estudo, a rispidez, não no sentido próprio da palavra, mas no sentido de fazer com que o outro veja aquilo que não percebe para poder haver mudança. O fenômeno, embora esteja dado no modo de poder ser percebido, também está no modo de poder ser descoberto, ou seja, algumas características desse fenômeno, muitas vezes, aparecem e, outras vezes, se escondem como que por debaixo de outras, num processo de velar-se e desvelar-se. A relação de ajuda auxilia a mostrar essas características que se apresentam e se ocultam na relação, no mundo daquele que está sendo acompanhado.

Se, no começo de uma relação chamada de ajuda, o acompanhante ainda tem dificuldade em dar a atenção devida e exclusiva ao acompanhado, durante algum tempo vai se esforçar para que isso seja feito da melhor forma possível, ou seja, quase todos os seus esforços vão estar no dar a atenção necessária e exclusiva (Miranda y Miranda, 1991; Nunes, 1999). Quando essa atenção se torna natural, o objetivo foi alcançado, e a atenção de quem a usa não está voltada para o mecanismo alavancador propriamente dito, mas para o que a ferramenta faz e para a tarefa desenvolvida. Tem-se em mente que cada um é capaz de se ver de diversas facetas. Isso é porque cada ser humano é capaz de autointerpretar-se. Essa é uma característica do *Dasein*, ou seja, de cada um em cada situação, ver-se sob diferentes aspectos.

Depois de todo esse processo da relação de ajuda, ainda há um aspecto que precisa ser exposto: o acompanhado precisa tomar a direção de sua vida sem precisar da ajuda do acompanhante. Por vezes, vai precisar voltar a seu foco, mas o trabalho principal já foi feito com a ajuda do acompanhante. Quando o caminho é mais evidente e as metas objetivas, o *Dasein* consegue, mesmo que de uma forma paradigmática, interpretar situações diversas. A partir de determinado momento, ao invés de o acompanhante dizer para o acompanhado qual o sentido daquilo que está se passando, o acompanhado já é capaz de interpretar, de traçar metas e de se encaminhar para onde deseja.

A interpretação do caminho vai depender agora, exclusivamente do *Dasein* que está se autointerpretando para se projetar nas diversas situações, familiarizar-se mais rápido para que aquilo que está à sua volta sirva como ferramenta de crescimento e se torne, ao final desse processo, um ser que é capaz de perceber aquilo que os outros expõem. O acompanhado se torna acompanhante por ter adquirido as condições necessárias para se ajudar e ajudar outrem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os seres humanos são capazes de ver e fazer ver aquilo que está dentro de si, nesse processo de velar-se e desvelar-se de si próprio. Logo, a capacidade de crescimento é algo que todos apresentam. Após a apresentação sobre a relação de ajuda de Carkhuff (2000) e da fenomenologia de Heidegger (1988), e feita uma ousada aproximação desses dois pensamentos, conclui-se que as ideologias baseadas concomitantemente na perspectiva psicológica e filosófica se auxiliam em um pensamento reflexivo para a contemporaneidade e que não deixa de levar em consideração a educação, que é amplamente beneficiada com o ato de ajudar e suas relações com o outro. Carkhuff (2000) abre os olhos do leitor atento que percebe que ajuda é estar com o outro no modo de poder auxiliar, ou seja, é necessário ter as condições necessárias para isso. Pode-se ajudar alguém sem perceber, porém, isso só é possível se a outra pessoa, a que está sendo ajudada, tem condições de poder ser auxiliada.

A ajuda é um diálogo, uma relação, e isso nunca será possível se feito sozinho. Por viver em um contexto onde muitos acontecimentos vão contra a relação em que o crescimento de ambas as partes é o objetivo, torna-se ainda mais difícil de se visualizar esse tipo de relação. No entanto, percebe-se que um conselho que um amigo oferece ao outro, se observadas as condições necessárias para o acolhimento desse conselho, isso é também uma relação de ajuda. Heidegger (1988) é muito objetivo em conceitos que podem ser aplicados a essas realidades mútuas entre pessoas. E esses mesmos conceitos são capazes de influenciar até mesmo o mais desacreditado das relações em que um se importa realmente com o outro e com seu crescimento.

Quando não é possível mostrar-se, revelar-se por algum motivo desconhecido, o outro, aquele que ajuda e faz parte do seu mundo, está aí para fazer ver aquilo que é necessário para o crescimento alheio. Quando essa pessoa ainda acredita que, sozinha, é capaz de conseguir o que quer, Heidegger (1988) e Carkhuff (2000) mostram que, mesmo para ser concebida, ela necessitou de outras pessoas e, também, que o crescimento só é possível quando se confronta com o diferente. A partir deste trabalho, cada um é convidado a olhar mais atentamente ao seu redor e perceber se, de fato, é capaz de ajudar e ser ajudado. Se não for, várias são as reflexões que podem auxiliar nessa descoberta da capacidade de ajuda e, então, perceber que aqueles que estão ao redor, são pessoas que auxiliam nesse complexo contexto que pode ser denominado: mundo da vida, mundo de cada vida, mundo da vida de cada um.

## REFERÊNCIAS

- Carkhuff, R. R. (2000). *The art of helping in the 21<sup>st</sup> Century*. 8<sup>th</sup>. ed. Chapel Hill, NC: Human Resource Development.
- Dreyfus, H. L. (1996). *Ser-en-el-mundo: comentario a la división I de ser y tiempo de Martin Heidegger*. Santiago, Chile: Cuatro Vientos.
- Giles, T. R. (1975). *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo, SP: EPU/Edusp.

- Heidegger, M. (1988). *Ser e tempo: parte I*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Marroquín Pérez, M. (1991). *La relación de ayuda en Robert R. Carkhuff*. 2. ed. Bilbao: Mensajero.
- Merleau-Ponty, M. (1999): *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, SP: M. Fontes.
- Miranda, C. F., y Miranda, M. L. (1991). *Construindo a relação de ajuda*. 7. ed. Belo Horizonte, MG: Crescer.
- Nunes, O. (1999). Uma abordagem sobre a relação de ajuda. *A Pessoa como Centro – Revista de Estudos Rogerianos*, 3, 59-64.
- Popper, K. R. (1974). *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Weil, P., y Tompakow, R. (1986). *O corpo fala*. 5. ed. Petrópolis, RJ Vozes.